

**AS RAÍZES DA PEDAGOGIA CLÁSSICA: A CONTRIBUIÇÃO DOS GREGOS
(SOFISTAS E PLATÃO) PARA A PEDAGOGIA CONTEMPORÂNEA**

Domingos Barbosa dos Santos¹

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta investigar o surgimento da ciência da educação, a partir dos filósofos sofistas e do filósofo Platão e averiguar em quais circunstâncias sócio-políticas esses filósofos sentiram a necessidade de pensar e teorizar a educação humana. Notadamente os sofistas (os primeiros pedagogos) teceram os fundamentos da *Paideia*, é sabido que eles não a denominaram de ciência, a teoria e arte da educação, mas sim de “*Techne*”. Não obstante, a questão que fica, ainda hoje, é saber se a pedagogia é uma ciência ou uma arte. Por isso, os sofistas elaboraram uma teoria educacional voltada para a formação do homem, segundo os quais, a educação ideal deveria atingir e moldar a alma e a natureza humana, no sentido de preparar o homem para exercer com perfeição as tarefas que lhes eram confiadas. Rompendo com as teorias dos sofistas, Platão apresenta uma versão detalhada da educação humana a partir de teorias educacionais e pedagógicas, as quais têm como pano de fundo a formação do homem para viver conscientemente na cidade ideal. Isso porque, para Platão, o modelo de educação do homem grego deveria primar pela felicidade da *Polis* grega. Seguindo esse raciocínio, para o filósofo, a verdadeira educação consistia em ensinar as crianças e jovens a gostarem e a desgostarem da coisa certa, isto é, evitando as cópias e as aparências. Desse modo, averiguar-se-á, neste estudo, qual é a influência dos sofistas e de Platão para a pedagogia contemporânea, tendo em vista a seguinte questão: o modelo de educação sofista desenvolveu-se para contribuir na prática para a resolução dos problemas contextuais da polis grega, ao passo que o modelo humanista, proposto por Platão, critica a educação dos sofistas e apresenta um modelo a ser alcançado. Diante disso, levantamos a seguinte hipótese: a educação contemporânea aproxima-se do modelo educacional dos sofistas e afasta-se do modelo de Platão? Caso proceda a hipótese, o desafio a ser assumido pela pedagogia contemporânea é elaborar a crítica e os conflitos relativos à educação, visando resgatar o ser humano como fim da ação educativa.

Palavras-Chaves: Teoria. Política. Pedagogia. *Techne*.

¹ Mestre em filosofia política pela Universidade Federal de Goiás, Professor de Filosofia do Colégio Prevest.em Goiânia-GO
dsbdumas@hotmail.com

Justificativa

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância e a necessidade da *Paideia* (educação) para a consolidação política e estruturação da vida humana em sociedade, a partir das teorias dos sofistas e de Platão, os quais duelam teoricamente para apresentar um método pedagógico seguro e eficiente para a formação da *Arete* humana, e corroboram para a verdadeira essência da educação humana. Partindo das teorias defendidas pelos filósofos acima citados, conclui-se que, ao longo da história da humanidade, a socialização dos homens tem passado, via-de-regra, pelo viés pedagógico e científico, ação característica e exclusiva dos seres humanos. Seguindo esse raciocínio, percebe-se que a convivência dos humanos sempre exigiu destes algumas atitudes, regras, determinações e comportamentos a fim de assegurar-lhes a harmonia entre todos. Entende-se que as regras e as normas são imprescindíveis para manter a organização e a estrutura da sociedade no sentido desta funcionar em benefício de todos. Mesmo com a existência das regras, das normas e exigindo dos homens os comportamentos adequados, estes têm enfrentado inúmeros conflitos sócio-políticos e educacionais, os quais têm colocado a harmonia da sociedade em perigo, levando à ignorância. Em semelhantes épocas, é que se conhecem os verdadeiros defensores e defensoras das virtudes e da educação do povo. São homens e mulheres que não se eximem da missão de propor caminhos que apontarão novos horizontes para a humanidade. Nesse sentido, apontamos, aqui, a genuína ideia da formação e da educação humana, tomando como referencial e base os filósofos sofistas, os primeiros pedagogos e Platão. Para eles, inicialmente, a educação humana tendia a duas finalidades básicas:

A primeira e mais específica tende para a educação e para a formação política do homem de modo que este pudesse viver e conviver em harmonia com os seus semelhantes. A partir do viés político, atingir-se-ia a preservação e conservar-se-ia a harmonia social. Seguindo

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

esse raciocínio, nem os sofistas e nem Platão, tomam por base o ideal da educação espartana, pois esta estava claramente voltada para a formação do guerreiro em detrimento da formação da totalidade dos indivíduos espartanos. Os sofistas estavam certos de que a verdadeira educação elevaria o homem à nobreza da alma e o qualificaria como um ser apto a viver em sociedade. Os sofistas partem do princípio de que a educação dada aos homens deve proporcionar-lhe uma formação no sentido de promovê-lo à condição de um ser autêntico e virtuoso.

A segunda ideia defendida da educação ateniense é postulada através da teoria de Platão. Segundo o filósofo, a verdadeira educação versa pelo viés da criatividade e como metodologia pedagógica, deve ensinar às crianças e jovens a tradição a não incentivar o gosto pela imitação e cópias. Nesse método, há, segundo Platão, a oportunidade de estruturar a polis em bases sólidas e está garantida a felicidade do cidadão, pois a justiça, as virtudes e a coragem são virtudes que acompanham o homem educado tanto na condição de seres humanos quanto na vida pública.

OBJETIVOS

1.1 – Objetivo geral

O objetivo deste trabalho é examinar as diferenças entre os modelos educacionais dos sofistas e de Platão, visando analisar a contribuição do referencial das pedagogias dos filósofos citados para as teorias pedagógicas contemporâneas. Isso é necessário não apenas para resgatar o projeto de educação humanista de Platão, que parece estar sendo suprimida pelo modelo de educação atual, mas também para averiguar a preponderância do modelo dos sofistas na pedagogia contemporânea, contribuir para que se repense a proposta de educação técnico-profissional e se encaminhem alternativas de construção do modelo de educação humanista, sem, contudo, desconsiderar a importância da técnica.

1.2 – Objetivos específicos

- 1) Estudar os modelos de educação dos sofistas e de Platão;
- 2) Investigar a relação entre a prática política e as teorias pedagógicas dos sofistas e de Platão;
- 3) Mostrar as diferenças entre os modelos de educação técnica e humanista;
- 4) Analisar o conceito de *Techne* e arte da educação a partir do entendimento sofista e platônico.
- 5) Apontar possíveis alternativas que viabilizem a educação humanista contemporânea.

Metodologia de investigação

A propósito esta pesquisa partirá da análise metodológica e interpretativa da obra *A República* de Platão e os diálogos dos sofistas Protágoras e Górgias, e, ainda, as obras dos comentadores Giovanni Reale, Werner Jaeger e Evilázio Teixeira. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, outras obras poderão ser requeridas como meios de investigação, podendo ser acrescentadas àquelas já citadas. Porém, as leituras das obras de cunho analíticas serão efetuadas mediante as sugestões do orientador. Para a execução da pesquisa, apresentamos o seguinte cronograma:

Discussão teórica e resultados

A proposta de pesquisa deste estudo é investigar o surgimento da ciência da educação a partir dos filósofos sofistas, notadamente Protágoras e Górgias, seguido do filósofo Aristócles (Platão). E, ainda, averiguar com que propósito esses filósofos pensaram a educação humana e, a partir disso, analisar as influências que esses filósofos-pedagogos exercem sobre o modelo de educação contemporâneo. Percebem-se fortes indícios na educação contemporânea do modelo educacional pretendido pelos sofistas, entre eles: profissionais da educação ambulantes, conteúdos ministrados com objetivos exclusivos para as provas do vestibular, tendência ao abandono de uma educação comprometida com a humanização dos estudantes, e etc., em detrimento do modelo educacional defendido por Platão. Ou seja, uma educação humanista e direcionada para tornar o indivíduo feliz na *Polis*, participativo, ético e responsável pela *Polis*. Esse distanciamento da educação clássica platônica é o que parece estar provocando a despolitização dos homens, afirmando a tendência da automação tecnológica e cedendo espaço à concepção mercadológica da educação. Coloca-se, então, como desafio à pedagogia contemporânea: elaborar a crítica ao modelo atual de educação puramente tecnicista e resgatar a ciência da educação que coloque o ser humano como fim da ação educativa.

Ao longo da história da humanidade, a socialização dos homens sofrera alterações consideráveis, as quais passaram pelo crivo do viés pedagógico. Nesse contexto, entende-se que a convivência em sociedade exige que os homens reflitam sobre seus próprios comportamentos a fim de assegurar-se a harmonia entre todos. Essa reflexão passa pela análise crítica dos modelos educacionais e de suas fundamentações pedagógicas, pois é destes que depende a organização, a estrutura e os novos rumos da sociedade; por isso, é preciso compreender a estrutura erguida em relação à concepção de educação para se poder compreender a estrutura da sociedade.

Os primeiros pedagogos (os sofistas) seguidos do filósofo Platão, compreenderam essa necessidade, a partir das indagações filosóficas, buscaram fundamentar as teorias pedagógicas, segundo as linhas individuais de raciocínio, apresentaram à sociedade grega a *Paideia*. Os sofistas apresentam uma fundamentação pedagógica direcionada para o poder da palavra (a retórica), pois se vivia em um contexto da proliferação do comércio, da política, do afluxo de riquezas, da formação de novos segmentos sociais, do florescimento das artes, da

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

universalização da escrita, etc., Nesse momento, surgem do seio da sociedade os sofistas, que, guiados pelo espírito crítico-filosófico e científico, procuram apontar os caminhos que os reconduzirão à harmonia desejada. Para os sofistas, inicialmente, a educação humana tendia a duas finalidades básicas: a primeira e mais específica para a educação é a formação política do homem para que este pudesse viver e conviver em harmonia entre os seus semelhantes. A partir do viés político, atingir-se-ia a preservação e conservar-se-ia a harmonia social. Diante disso, está claro que os sofistas não tomam por base o ideal da educação espartana, uma vez que tal estava nitidamente direcionada à formação do guerreiro em detrimento da formação da totalidade dos cidadãos espartanos. Os primeiros ideais da educação no entendimento dos sofistas era atingir a “*Arete*” (as virtudes) do homem. Os sofistas estavam certos de que a verdadeira educação elevaria o homem à nobreza da alma e o qualificaria como um ser apto a viver em sociedade. A segunda finalidade de educação proposta pelos sofistas, parte do princípio de que a educação dada aos homens deve proporcionar-lhes uma formação no sentido de promovê-los à condição de um ser autêntico e virtuoso, conforme explica Jaeger:

“Esta educação ética e política é um traço fundamental da essência da verdadeira *paideia*. Só em épocas posteriores, quando o Estado deixa de ocupar o lugar supremo, sobrepõe-se a ela ou a substitui um novo tipo de humanismo puramente estético. Nos tempos clássicos é essencial a ligação entre a alta educação e a ideia do Estado e da sociedade” (JAEGER, 1989, p. 243).

Isso evidencia a idéia de um homem verdadeiramente preparado e formado a partir de sua índole para viver e responder às necessidades daquele que vive em sociedade. A ideia de educação entre os primeiros pedagogos (os sofistas) deveria, a princípio, responder às necessidades de uma nova educação capaz de satisfazer os ideais do homem da *polis*. Observa-se que a educação do ser humano, para os atenienses, objetiva atingir a alma do indivíduo. Isso explica porque, entre os sofistas, o princípio da educação tinha como fim a “*Arete humana*”. A educação para a *Arete*, com o tempo, sofre uma alteração convencional e histórica.

A educação política era entre os gregos, sobretudo para os sofistas, a verdadeira educação universal. Esses pensadores não só fundamentaram as teorias da educação, como

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

imprimiram a estrutura social para a educação grega. Entre os sofistas, era unânime a preocupação com os fins da educação; resta saber se eles propunham uma educação humanística ou uma educação para a técnica. Esta questão nos é instigada porque, na estrutura da sociedade grega, figura a educação para a técnica como pressuposto e garantia do Estado, de modo que a estrutura da sociedade grega não atingia apenas a elite, mas a todos os homens e isso provocava a descentralização do poder e limitava a dominação dos senhores “donos” da justiça, da terra e das armas.

Sobre essa questão, cabe lembrar que, no diálogo platônico intitulado *Protágoras*, há uma distinção clara entre educação técnica e educação humanística. Protágoras observa que é a capacidade técnica do homem que o distancia imensamente dos animais e lhe proporciona meios de defesa, porém, os animais já são equipados pela natureza. Já em relação ao homem, a técnica não é suficiente para a convivência humana, pois sem uma educação para a vida política, a justiça e o pudor, o homem não consegue viver em sociedade. Sendo assim, a educação técnica não é necessária para todos os homens, mas todos necessitam da educação humanista. O filósofo italiano Pedro Nogare corrobora essa ideia, afirmando:

“Pois como diz Zeus no mito descrito em *Protágoras*: as cidades não poderão sobreviver se somente alguns forem providos dela. [O que faz com que Zeus ordene a Hermes]: Tu estabelecerás uma lei em meu nome: que qualquer homem, incapaz de ser educado ao pudor e à justiça, seja condenado à morte como flagelo para a cidade” (NOGARE, 1977, p. 32). Em comentário, afirma Nogare: “...os tecnocratas consideram a educação humanista um enfeite de luxo e ocupação de intelectuais alienados e que, os homens de governo, que, superestimando a formação técnica em detrimento da formação humanista encaminham a sociedade à desagregação e à ruína. (NOGARE. 1977, p. 32).

A partir do surgimento da ciência da educação, despontam as novas leis e uma nova organização social, cujo objetivo era dar a todos os cidadãos gregos oportunidades iguais perante a lei. Nesse caso, outro problema a ser superado pelo viés pedagógico na Grécia Antiga é a existência da velha Lei que, respaldada pelas divindades, delegava à aristocracia poderes de

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

decisão sobre a vida da maioria. Instaurada a democracia, o novo regime impedia, via legal, que a sociedade se fechasse em grupos privilegiados ou que as famílias oriundas das diásporas fossem simplesmente exploradas pelos *donos das armas*, configurando, assim, uma nova ordem social. Nesse contexto, uma nova demanda é a necessidade da educação dos indivíduos como meio de solucionar as questões da terra e da urbanização. A educação tornou-se um fator relevante para o surgimento da política sistematizada.

A questão democrática aparece na Grécia Antiga com mais nitidez no século VI a. C. em um momento de intensos conflitos de diversas ordens, e segundo Evilázio Teixeira (1999, p. 16)², foram problemas não solucionados no final do século VII, que deram lugar a eles. É do próprio Teixeira a ideia de que a democracia sempre esteve diretamente ligada à educação como um ideal de sociedade. As raízes da educação não têm sua origem em Atenas, e sim em Esparta. Em Atenas, surgem os ideais da democracia. O problema é que os conflitos do século VI, levaram Esparta a perder influência política no mundo grego enquanto Atenas assume uma postura altaneira tanto do ponto de vista político como educacional. Cotidianamente, o processo político vai ganhando novas formas e exigências. Uma dessas exigências é a questão da formação do homem de forma que esse possa e tenha condições de responder às novas demandas sociais.

Outro fator que perde força no mundo grego é a educação cívico-militar protagonizada por Esparta. Com as novas mudanças, Atenas busca uma educação que tenha como ideal a formação do indivíduo enquanto ser social e não a formação do guerreiro. Assim, afirma Teixeira:

(...) Se antes, em todas as regiões da Grécia, sob a influência de Esparta, está presente uma educação de caráter cívico-militar, preocupada em formar o indivíduo devoto à comunidade, agora, graças à hegemonia de Atenas, a educação deixa de ser militar e assume uma conotação civil, que tem como objetivo principal a formação do nobre aristocrata, através do exercício físico e da música (TEIXEIRA, 1999, p. 16).

² O século VI é marcado por intensas desordens, conseqüências de problemas não solucionados no final do século VII: a conspiração de Cílon, o código de Dracon, as reformas de Solon e a tirania de Pisístrato.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A existência da música e da educação física na “grade curricular” na educação ateniense aponta para uma preocupação com a formação da personalidade individual de cada homem, tendo destaque para a moral, a justiça, a ética, etc. Nesse período, Sócrates, seguido de Platão, encara a filosofia como a formação de um novo tipo de homem. Por isso, é considerado esse período como “antropológico”.

Os filósofos sofistas, antes mesmo de Sócrates e Platão, já manifestavam a preocupação com a educação humana. Contemporaneamente, essa preocupação aparece nos discursos de Sócrates, Platão e Aristóteles. Nesse contexto, o que é evidente para dar sentido ao Estado e à democracia é a necessidade de uma educação coletiva e não mais individual.

O filósofo Werner Jaeger também afirma na obra “*Paidéia*”, que: “cedo se fez sentir a necessidade de uma nova educação capaz de satisfazer os ideais do homem da polis [...] Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a idéia de educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação de homens, e a pôs a serviço dessa tarefa” (JAEGER, 1989, p. 234).

Estudando os sofistas, percebe-se que, a partir de suas teorias, as mesmas apontam para uma pedagogia diferenciada da, até então, aceita na Grécia. Essa é a razão pela qual esses filósofos são considerados os primeiros pedagogos. Parte deles a iniciativa de elaborar textos e preparar os jovens para discutirem questões coletivas tais como: política, arte e comércio. Assim, em relação às teorias desses filósofos, a problemática a ser investigada e analisada diz respeito à concepção que os sofistas defendiam de educação – a *techne*. A educação, a princípio, não é uma ciência e nem é a “arte de educar” (*humanitas*). Caso a educação seja uma “arte”, investigar-se-á o conceito de arte empregado pelos sofistas e buscar-se-á saber qual é a fundamentação teórica que os permitia conceber a formação do homem a partir da arte de educar; e, por fim, a quem poderia conferir a autoridade para exercer essa tarefa, uma vez que, em se tratando do exercício da arte, é uma missão específica. Por outro lado, caso a educação tenha como finalidade a *techne*, buscar-se-á compreender o conceito de *techne* e afastar a ideia de educação humana da ideia de poder e saber técnico, pois a técnica tem como finalidade a repetição de um ato.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Os filósofos “sofistas” sofrem acusações que, em parte, podem ser verdadeiras e, em parte, estão carentes de explicações. O que aqui segue a respeito dos mesmos está fundamentado nas ideias do filósofo italiano Giovanni Reale (1990). É sabido que o termo sofista sofreu, já na Grécia Antiga, alterações no seu sentido original, que quer dizer “sábio”, “especialista no saber”, “possuidor do saber” entre outros, passando a significar “impostor”, “astúcia”, “raciocínio capcioso”, etc. Essas alterações têm origem a partir das práticas educativas dos sofistas, os quais inseriram, no modo de pensar grego, uma série de inovações, porém criticadas, às vezes, sobretudo por Sócrates, Platão e a aristocracia ateniense. Em razão disso, é que Giovanni Reale (1990), afirma que os aristocratas não perdoaram os sofistas por eles terem contribuído para a sua perda de poder e por terem incentivado a formação de uma nova classe, que não mais dependia da nobreza de nascimento, mas dos dotes e habilidades pessoais, e que era, justamente, aquela classe que os sofistas pretendiam criar ou, pelo menos, educar sistematicamente. Portanto, é com os sofistas que o “problema educacional e o compromisso pedagógico emergem para o primeiro plano” (REALE, 1990, p. 75). Percebe-se que esses professores estão preocupados com questões práticas, ou seja, técnicas.

A afirmação de Reale (1990) nos permite avaliar até que ponto os sofistas são impostores e astuciosos. Outra questão que deve ficar clara é que, segundo Reale (1990), a responsabilidade por depreciar as ações dos sofistas é de Platão, não pelo que Platão disse a respeito dos sofistas, e sim como ele disse. Este estudioso ressalta, ainda, que por longo tempo os historiadores tomaram por boas não só as informações que Platão nos forneceu sobre os sofistas, mas também os juízos que dá sobre eles. Dada essas informações, é necessário tecer esclarecimentos a respeito da importância dos sofistas, fazendo justiça aos mesmos, já que eles deram grandes contribuições para a formação da sociedade grega e para a formação de um cidadão comprometido e atuante na polis. Ao elaborar um método educativo, eles colocam o cidadão grego em pé de igualdade em relação à aristocracia. Essa atitude sofística coloca a aristocracia em pé de guerra contra os mesmos.

O que se observa é que o problema se agrava porque os filósofos pré-socráticos não tocaram na questão fundamental em suas teorias filosóficas – o homem. O que os sofistas fazem é trazer toda questão humana para o centro das discussões com os jovens e seus discípulos. Outra questão que, talvez, deixa a aristocracia descontente com os sofistas é a nova concepção da “*Arete*” (virtude) antiga. Para as gerações tradicionais aristocratas, a virtude estava diretamente

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

ligada à sua origem. Isto é, ao nascerem, os homens carregariam consigo virtudes construídas em seu seio familiar. Isso implica em afirmar que as virtudes eram entendidas como um privilégio da elite grega.

Essa concepção é negada pelos sofistas. Estes reconduziram a questão para o seu devido lugar, afirmando que as virtudes dependiam, em parte, da educação e da habilidade individual do ser humano. Defendendo essas concepções, os sofistas ganharam a credibilidade dos jovens, porque souberam usar adequadamente as condições históricas do momento; fizeram o uso de uma linguagem acessível a todos; enfim, souberam aproveitar as circunstâncias do momento a seu favor, o que explica sua importância política e social.

Os sofistas souberam apreender de modo perfeito estas instâncias da época em que viveram, souberam explicitá-las, dar-lhes forma e voz. E isto explica por que obtiveram tanto sucesso, sobretudo junto aos jovens: eles respondiam às reais necessidades do momento, diziam aos jovens, que então não estavam mais satisfeitos nem com os valores tradicionais que a geração propunha nem com o modo pelo qual os propunha, a palavra nova que eles esperavam (REALE, 1990, p. 74).

Nessa afirmação de Reale (1990), está o ideal e o objetivo dos sofistas com a educação, eles abriram mão de um saber meramente teórico ou “idealizado”, voltado para um único fim, pois não acreditaram em uma educação como meio de especulação, para optarem por serem educadores. Por isso, é que se pode dizer que, com os sofistas, surge a teoria da educação. É bem verdade que os sofistas ensinavam para uma elite que aspirava ao poder político (a direção do Estado) e podia custear financeiramente a aquisição do saber. Nesse sentido, os jovens pertencentes à elite buscavam, a partir da educação, a realização de sonhos pessoais, mas com objetivos sociais. Com tudo, o fato de os sofistas cobrarem para ensinar fez com que caíssem em descrédito diante de Platão e Sócrates - ambos são unânimes em acreditar que o saber devia ser transmitido gratuitamente - nesse caso, a atitude dos sofistas é vista por Platão como uma espécie de “baixeza moral”. Porém, devemos entender essa questão por outro ângulo.

Platão pertencia à aristocracia (por nascimento) e é rico enquanto os sofistas não tinham moradia nem salário fixo. Dessa forma, só podiam contar com os recursos intelectuais

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

e com o salário recebido pelos ensinamentos oferecidos aos jovens ricos. Associada à mercantilização do ensino, podemos inserir duas outras questões subentendidas: a ideia de cidadania grega (o cosmopolita) e a concepção de “educador” (um técnico profissional). A respeito disso Reale (1990) afirma:

O sofista se distingue do professor dos nossos dias tanto pela falta de qualquer relação [...] com o Estado, como pelo fato de nenhuma especialização limitar a sua atividade. Enquanto homens de ciência, pelo menos na maioria, eram especialistas em quase tudo o que então constituía o conhecimento, enquanto oradores e escritores, prontos e dispostos sempre, como eram, a empenhar-se em diatribes e polêmicas, o tipo hodierno que mais se lhes aproxima é o do jornalista. Meio professores e meio jornalistas, eis a fórmula talvez mais apta para nos dar uma idéia bastante aproximativa do que eram os sofistas no século V. Isso é verdade, porém, somente se temos presente que o professor e o jornalista são, normalmente, apenas veículos de informação e de formação de opinião, mas não criadores, enquanto os sofistas foram também criadores (REALE, 1990, p.75).

Sabe-se que os sofistas buscavam resultados práticos e a busca por discípulos era a forma mais acertada para atingir seus objetivos. Todavia, a reação socrática e platônica contra os sofistas se fundamenta nessa “busca” de discípulos e pela forma de “comercializar” o saber, conforme eram acusados pelos filósofos acima citados.

De Platão, há importantes ponderações a serem analisadas e consideradas. Sabe-se que o seu projeto político e pedagógico está diretamente ligado à sua vida pessoal e à sua vida familiar. Platão pertence à aristocracia e era neto de um dos mais importantes legisladores da Grécia, Solon. No entanto, o acontecimento que marcara toda a sua vida situa-se no ano da acusação, condenação e morte de seu mestre Sócrates. Platão sabe que as acusações a Sócrates são infundadas e constituem vinganças políticas. Daí, seu projeto de educação ter como prerrogativa a formação do homem grego a partir do viés pedagógico, mas em uma direção

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

diferenciada das teorias dos sofistas. Atenas estava presenciando uma grande onda de inovações e desenvolvimento material e cultural em decorrência da descoberta do poder da razão, porém Platão sentia que esse poder estava, naquele momento, ameaçado e, assim, poderia ser destruída toda uma construção sócio-política de séculos. O espírito crítico, que era uma das mais elevadas manifestações da nova atitude diante do mundo natural e humano, guiado pelos ensinamentos dos sofistas, podia colocar tudo a perder.

Assim, se tudo fora edificado pelo esforço da razão, só um aprofundamento a partir da própria razão poderia salvar o que estava prestes a ser destruído, a saber: as tradições e as religiões gregas. Dessa preocupação de Platão, surge seu projeto filosófico. Como ver, se trata de um projeto pedagógico-político. O problema a ser investigado e indagado aqui é saber por que os ensinamentos dos sofistas colocam em risco as tradições gregas. E, em seguida, averiguar em que sentido os fundamentos teóricos de Platão, em relação à ciência da educação, se distanciam das teorias dos sofistas. Considera-se que, para os sofistas, o ponto de partida para a realização de uma verdadeira educação é a arte da persuasão e a da retórica. Se assim o for, a arte da educação corre o risco de ser concebida como uma mercadoria e, portanto, é correto vendê-la. Eis aí o problema que faz com que Platão os critique tanto. Por essa razão, Platão propõe uma educação volta para o “transcendente”, o suprassensível do suprassensível (o Bem).

O contexto sócio-político corrobora para levar o leitor a acreditar que o projeto pedagógico de Platão tem como fundamento as questões internas de Atenas, como: a aristocracia impiedosa e a democracia corruptível, os contemporâneos seus que foram corrompidos (Alcibíades, por exemplo) e Sócrates que, para não se corromper, optou pela morte. Provavelmente, essa constatação fez com que Platão entendesse que, pelo viés político, uma reforma radical da cidade era impossível, visto que homens semelhantes a Sócrates estavam impotentes diante desse contexto. Então, uma mudança radical da cidade só era possível por meio da educação. Sobre essa questão, Teixeira sustenta, a partir de uma concepção platônica, que:

o homem é diferente dos animais, que também se encontram na natureza como seres já dados, prontos, e, portanto, fechados, o homem traz consigo o imperativo de crescer sempre mais no seu ser. Sua vida se manifesta como abertura. Através da relação e na relação, existe a possibilidade de tornar-se sempre mais e melhor. A vida do homem, antes de mais nada, se

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

apresenta como um encontro. Essa possibilidade aberta ao homem nós a chamamos de educação (TEIXEIRA, 1999, p. 24).

O comentário de Teixeira (1999) segue que a ideia de educação para os gregos representava o sentido de todo esforço humano. Isto é, a justificação última da comunidade e individualidade humanas. Dado que à educação cabe a tarefa de emancipar o homem para que este não só se encontre com o seu eu autêntico como possibilite o encontro com o seu meio, atualizando suas capacidades e potencialidades. Assim, entende-se que a princípio, espera-se do ato de educar o poder de tornar o homem um autêntico ser humano. Isso implica em afirmar que a educação possibilita ao homem viver com dignidade e aberto às novidades do cotidiano. Ai reside a ideia de humanização pela educação. Notadamente, para Platão, a forma mais eficaz para atingir a educação ideal e evitar a desumanização do homem consiste em não permitir a imitações, evitar a prática da baixeza e não permitir aos jovens e às crianças que pratiquem nenhum outro tipo de vício. Isso posto, evidencia-se a preocupação do filósofo com a formação humana do homem grego, o qual deve ser educado para ser feliz e harmônico na *polis*.

No diálogo de Platão, intitulado “*Protágoras*”, há um verdadeiro duelo filosófico envolvendo o filósofo Sócrates e o sofista Protágoras e a tese em questão é exatamente a definição da *Paideia* sofística, tendo como recorte a problemática das relações entre as virtudes e o saber. Sócrates quer, a custo de perguntas, (Ironia) arrancar do sofista a sua concepção de educação, para envidar uma análise no campo dos princípios e das pretensões do sofista acerca da *Paideia*, para opor-lhe um programa pedagógico pessoal. A questão posta por Sócrates parte da indagação sobre a possibilidade de a virtude ser ensinada ou não. A pergunta de Sócrates é coerente porque segundo Protágoras, seu método de ensinar habilitaria os jovens semelhantes a Hipócrates realizar diários e ininterruptos progressos na vida política. A essa afirmação do sofista, Sócrates lhe arguiu desejando saber em que a educação do sofista tornaria melhores os seus discípulos. A pergunta de Sócrates sugere a ideia de discutir a finalidade e a essência da educação sofística, uma vez que, o sofista ao responder à indagação de Sócrates, desviou do problema em questão. Ao refutar a fala de Protágoras, Sócrates deseja provocar seu interlocutor a respeito da sua obscura pedagogia, a qual não apresentava uma finalidade do ponto de vista do ser humano, mas apenas do aspecto da retórica (*techne*) e, portanto, a uma dada especialidade em determinada matéria.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Parece que, a essa pergunta, Protágoras recua outra vez, pelo fato que o mesmo não poderia respondê-la em nome dos demais sofistas. É sabido que nem todos erram unânimes no entendimento da questão postulada. Ao entrave em que se encontra Protágoras, afirma Jaeger (1989):

“À pergunta feita Protágoras não pode responder em nome de todos os sofistas, pois entre eles não havia critério quanto a esse ponto. Por exemplo, Hípias, ali presente, é representante das “artes liberais”, sobretudo do que mais tarde se chamaria *quadrivium*: aritmética, geometria, astronomia e música. Esses ramos do ensino sofisticado eram os que melhor podiam fazer jus à pergunta de Sócrates, pois apresentavam o desejado caráter técnico”. (JAEGER. 1989, p. 432).

O comentário de Jaeger (1989) indica o emprego da “Ironia” socrática, pois, Sócrates certamente conhece a fundo a pedagogia dos sofistas e quer colocar o adversário à prova ou vê-lo perder-se na sua própria retórica. Além disso, está claro que, para Sócrates, as virtudes não são conteúdos passíveis de ensino, sendo assim, não compete ao campo da educação. Intui-se que a razão que motiva o recuo do sofista diante da interpelação de Sócrates é o fato de que Protágoras sabe que os jovens, uma vez que receberam a educação elementar, não desejam mais os estudos técnicos, pois, seus interesses nessa etapa são outros e é exatamente isso que Protágoras lhes quer ensinar: a capacidade de se orientarem retamente a si próprios. Diante do exposto, Sócrates reconhece que o sofista tem capacidade para tal empresa, mas não deixa de ser também pertinente sua insistência em forçar, por meio de perguntas, se é possível o ensino das virtudes, já que, ninguém pode se apresentar como perito em relação a essas matérias (o ensino das virtudes). Corroborando essa ideia, afirma Jaeger (1989):

“Os homens que mais salientam pelas suas qualidades espirituais e morais não dispõem de meios para transmitirem aos outros suas qualidades que os distinguem, a sua Arete. Péricles, pai dos dois jovens aqui presente (referência à discussão entre Sócrates e Protágoras), deu-lhes uma educação excelente em tudo aquilo para que existem professores, mas naquilo em que a sua própria

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

grandeza se firma ele não os educa nem os entrega a outro para que os eduque, antes os deixa andar à solta, para “instruírem-se livremente”, como se a Arete fosse por si própria pousar sobre eles”. (JAEGER. 1989, p. 433).

Sobre essa questão, fica evidente que Sócrates não ignora os benefícios alcançados pelos sofistas no campo da educação, apenas insiste que os mesmos respondam ao velho problema da educação do homem, mais precisamente, se há meios de transmitir aos outros, e por meios idênticos, as virtudes próprias do cidadão. Diante dessa refutação socrática, Protágoras se posiciona, tomando como fundamento as experiências pessoais. Assim, o sofista desloca com certa habilidade o ponto de partida e insere na sua resposta outros conhecimentos pessoais e de cunho sociológico. Isto é, o sofista parte da análise da vida social humana, das instituições e das necessidades, que, sem aceitar como fundamento a possibilidade de educar a natureza humana, perderiam o sentido e a razão de existir. Disso tem-se que a educação é, sem dúvida, um postulado social e político inegável.

Nota-se que, a partir dessa percepção da formação humana apresentada por Protágoras, expõe-se a possível falha da teoria educacional platônica, pois o contexto em que ele está inserido não permite a todos os homens a participação na polis. Isso era um privilégio concedido especialmente a indivíduos pertencentes à aristocracia. Daí ser preciso superar as relações de poder e de estratificação. O problema é que Platão propõe um ideal de educação porque está preocupado com os rumos da cidade, mais precisamente pelo fato de que foram alguns sofistas aliados à aristocracia, os responsáveis pela morte injusta de seu mestre Sócrates. Mas seu projeto pedagógico tende a desconsiderar que muitos atenienses nesse mesmo contexto, eram sumariamente esquecidos pelo poder aristocrata. Platão não propõe um projeto pedagógico inclusivo em relação ao projeto sofista. E não está clara a eficácia deste projeto no sentido das fundamentações teóricas da aprendizagem humana. Afirma Jaeger:

“Protágoras, na sua intervenção expusera a sua convicção fundamental a respeito da possibilidade de educar o gênero humano, entre outras formas, sob a de um mito: o de Zeus ter outorgado aos mortais, além do dom prometeico da civilização técnica, com que ameaçavam destruir-se uns aos outros, o dom divino do espírito comunitário e da virtude pública, a justiça, a

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

prudência, a piedade, etc. Era este dom que mantinha os Estados sobre a terra; não era uma graça concedida especialmente a certos indivíduos; era comum a todos os seres humanos, e a educação do homem na virtude política tinha unicamente a missão de desenvolver nele este dom natural social”. (JAEGER. 1989, p. 435).

Platão, certamente, compreende o homem como um ser de relação que vivendo em sociedade, constrói culturas e formas políticas de organização, que se caracterizam pela instituição de leis e formas de governo, as quais garantem a vida em sociedade. A esse empreendimento denominou-se de Cidade-Estado (no seu tempo). Sem dúvidas, a educação é o elemento fundamental na consolidação do Estado. Cabe, assim, à educação a tarefa de construir a unidade cultural do seu povo. Por isso, o ideal da educação platônica é, sobretudo, formar o indivíduo cidadão participante e atuante em uma comunidade. O mais importante é o ideal de sociedade, de Estado, e, a partir desse ideal, formar-se-á o indivíduo como tal. Sustentado nesses pilares, a teoria educacional de Platão ganha espaço na cultura ocidental e do ponto de vista de uma idealização, é coerente com a ciência da educação. Porém, é verdadeiro que não havia espaço para outros indivíduos em Atenas por não pertencerem à aristocracia e o próprio currículo escolar defendido por Platão, se analisado em sua época, não permitiria que todos os homens alcançassem o ideal de educação pelo filósofo defendido. Pelos menos uma fonte aponta para essa tese:

“- Bem poucos são então – prosseguiu eu – ó Adimanto, os que nos restam, dignos de conviver com a filosofia, a não ser qualquer espírito nobre e com boa educação, retido pelo exílio, e que, por falta de quem o corrompa, permanece por natureza fiel à filosofia; ou quando, numa cidade pequena, uma grande alma menosprezar a administração do seu país e não se interessar por ela; um pequeno número ainda, que, afastando-se com razão de outra arte que desprezam, vêm para a filosofia, para a qual são naturalmente dotados. (...) – A maneira como a cidade deve tratar a filosofia, para não se perder. Pois tudo o que é grandioso é perigoso; e é verdade, como diz o adágio, que o que é belo é difícil” (A REPÚBLICA, p. 286. 496b/p. 289. 497d).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O fragmento acima apresenta uma proposta educacional coerente e eficiente quanto à estrutura da cidade, mas passível de críticas quanto à sua eficácia, pois dadas as condições de uma administração injusta e sem virtudes, e o povo ficava sempre relegado ao segundo plano. Contrariamente pensam os seus adversários teóricos e é justamente o que torna fortes as teorias dos filósofos sofistas. É bem verdade que mesmo propondo um ideal de educação em que incluía um contingente de jovens, devemos lembrar que os sofistas cobravam pelos ensinamentos transmitidos. Nesse contexto, os filhos dos artesãos, dos camponeses e de pequenos comerciantes, certamente, não eram contemplados pela proposta dos sofistas. Mas era algo mais amplo em relação à proposta pedagógica de Platão, pois se estendia àqueles que podiam lhes pagar, e, além disso, os sofistas eram ambulantes (iam de cidade em cidade) vendendo seus conhecimentos. Porém, deve-se considerar a fala de Platão, ao expor que a filosofia não é para a massa, é um saber que requer do homem o exercício do exílio, da solidão, razão pela qual o filósofo está de acordo que nem todos conseguem conviver com a filosofia.

Essa ideia de que a filosofia não é para a massa, parece uma contradição, posto que a cidade, para que haja paridade de direitos, justiça e transparência administrativa, necessita de homens e mulheres que, no cotidiano, pensem criticamente, participem do exercício do poder público e, sendo assim, deveria ter reis-filósofos, administrando para homens e mulheres que, de alguma forma, tivessem acesso à filosofia. Caso contrário, têm razão os sofistas, antes de pensar numa teoria pedagógica que privilegie a formação do guardião, do filósofo e do magistrado, deve-se pensar na formação humana do povo, uma formação para moldar a alma humana e assim esse povo adquiriria as condições necessárias para aprender a se virar por si só na cidade, que sejam educados para negociar, administrar e orientar-se na vida profissional. Talvez essa forma prática de educação proposta pelos sofistas é que os coloca em confronto direto com a aristocracia, pelo fato de que, com os sofistas vendendo o conhecimento, outra classe social a partir de então, terá ascensão sócio-político. Caso esse raciocínio proceda, parece que a proposta pedagógica dos sofistas está mais próxima da nossa realidade contemporânea, uma vez que a educação à qual nos dedicamos na atualidade tende para a idealização de um tipo de homem e de mulher capazes de guiar-se por si só no mundo do mercado de trabalho. A própria educação que de clássica tornou-se ela mesma uma mercadoria, porém com um diferencial: os professores não vendem a educação, ainda que não seja de forma direta, uma vez que são contratados e pagos com essa finalidade. Não está em voga a formação humana ou a formação intelectual aliada à

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

praticidade do ato de aprender. Se os sofistas e Platão pensaram, inicialmente, em uma educação cuja finalidade era atingir a *Arete* e moldar a alma, atualmente molda-se a personalidade dos homens, assim a razão será instrumentalizada no sentido de justificar as ações humanas face à sua própria natureza.

Talvez por isso é que, com o advento da modernidade, o foco educacional tem priorizado o indivíduo como ser de autonomia e liberdade em detrimento da importância da sociedade e da coletividade. O desafio então é educar o indivíduo autônomo e livre, em harmonia com o cidadão participante e atuante na sociedade. No atual contexto, o nível de competitividade e a preocupação com o mercado têm apontado para uma educação cada vez mais técnica e intelectualista, dando pouca importância para a dimensão afetiva, ética e menos responsabilidade com o social. Aliado a esse desafio, urge a necessidade de criar meios e recursos pedagógicos no sentido de “conciliar” essas duas tendências (técnica e formação intelectual). Propor uma política educacional que respeite a formação educacional plena do indivíduo, que supere o unilateralismo do sistema pedagógico pré-escrito e, assim, formar-se-á um indivíduo em todas as suas dimensões e não apenas na dimensão intelectual. É insuficiente educar um sujeito apenas do ponto de vista das competências e capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claud. *A reprodução* – elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de Reynaldo Bairão e Revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 275p.

EVILÁZIO, F. Borges Teixeira. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999. 140p.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder* – introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 2003. 143p.

GIOVANNI, Reale; DARIO, Antiseri. *História da filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. 693p.

GOLDSCHMIDT, Victor. *Os diálogos de Platão* – estrutura e método dialético. Revisão de Maurício Balthazar Leal. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 354p.

GUTHRIE, William Keith Chambers. *Os sofistas*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. 303p.

JAEGER, Werner. *Paidéia* - a formação do homem grego. Revisão de Gilson César Cardoso de Souza e Tradução de Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 966p.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismo e anti-humanismos*: introdução à antropologia filosófica. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Revisão de Maria de Lourdes de Almeida. São Paulo: Cortez, 2004. 208p.

PERINE, Marcelo. *Platão - República*. Adaptação e Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Scipione, 2001. 136p.

PLATÃO. *A república*. Lisboa: Fundação Caloust Kulbenkian, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Emílio ou da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 711p.

SHAUGHNESSY, Michael F.; SARDOC, Mitja; JUNIOR, Paulo Ghiraldelli; BENDASSOLLI, Pedro F. *Filosofia, educação e política*. Tradução de Pedro Fernando Bendassolli e Revisão Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: EP&A, 2002. 244p.